

Ateliê didático: reverberações da didática sensível na formação de professores universitários

Cristina d'Ávila

Universidade Federal da Bahia

cmdt@ufba.br

Giovana Zen

Universidade Federal da Bahia

giovanacristinazen@gmail.com

Lucia Gracia Ferreira

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

luciagferreira@ufrb.edu.br

Resumo

Esta pesquisa-formação se insere no campo da pedagogia universitária, mais especificamente, no campo da Didática voltada para o ensino superior. Visa compreender os processos didáticos que envolvem a formação de docentes universitários, buscando auscultar se e como se faz presente a relação entre o saber sensível e saberes pedagógicos e suas repercussões na formação de professores universitários. No quadro do programa de formação contínua de professores de uma universidade pública na Bahia, Brasil, inclui-se os Ateliês didáticos - um curso de 40 horas que congrega formação presencial e online. Interessa saber como os professores participantes dos ateliês tem ressignificado seus saberes em suas práticas pedagógicas e como a formação numa abordagem didática sensível tem repercutido em suas práticas. A coleta de dados, nesta etapa, consistiu na interpretação dos diários de formação dos docentes e seus planos de curso. Prevê-se, a posteriori, a realização de entrevistas narrativas. A pesquisa em tela colocará em evidência os relatos dos professores partícipes do ateliê didático nos anos de 2016 e 2017..

Palavras-chave: ateliê didático; docência universitária; didática sensível; pedagogia universitária

Abstract

This action research is inserted in the field of university pedagogy, more specifically, in the field of didactics aimed at higher education. It aims to understand the didactic processes that involve the education of university teachers, looking to hear if and how the relationship between sensitive knowledge and pedagogical knowledge and its repercussions on the education of university professors is made present. Within the framework of the continuing teacher education program of a

public university in Bahia, Brazil, it includes Teaching Ateliers - a 40-hour course that brings face-to-face and online training. It is interesting to know how the teachers participating in the workshops have re-signified their knowledge in their pedagogical practices and how the training in a sensitive didactic approach has had repercussion on their practices. Data collection at this stage consisted of the interpretation of teachers' training diaries and their course plans. Subsequent narrative interviews are planned. The screen survey will highlight the reports of the participating teachers in the didactic workshop in 2016 and 2017.

Keywords: didactic atelier; university teachers; university pedagogy; sensitive didactic

Introdução

Um dos maiores problemas que acercam a docência universitária no contexto da educação brasileira, diz respeito à lacuna na formação pedagógica, revelando que os professores universitários, em geral, no Brasil, não tiveram o devido preparo pedagógico para o magistério na educação superior (Cunha, 1998; Veiga, 2012; Pimenta e Anastasiou, 2002; D'Ávila, 2015, 2016, 2018). Como que tomados de sobressalto, estes profissionais que atuam como técnicos em suas áreas de formação específicas são içados à condição de professores universitários da noite para o dia, sem nunca terem estudado, um livro sequer da área didático-pedagógica. No máximo dominam o conhecimento disciplinar em que são formados, considerando, subliminarmente, que para se tornar docente basta tal competência. Todo o aparato didático-pedagógico é deixado de lado em nome de um modelo de ensino calcado quase exclusivamente sobre os conteúdos da área que se irá lecionar. Resultado de tudo isso: desgaste profissional, insatisfação de alunos, da própria organização, o que reverbera na qualidade do ensino e no profissionalismo docente.

A legislação brasileira é praticamente omissa em relação a tal formação, basicamente resumindo-a a 60 (sessenta) horas de carga horária em disciplinas de formação didático-pedagógica, em cursos de "metodologia do ensino superior" (Resolução N° 12/83, do CFE, Art. 4º), ou, como reza a Lei 9394/96 (1996, art. 66), este corpo docente terá sua formação assegurada primordialmente através de cursos de Mestrado ou Doutorado (strictu sensu). O problema é que muitas vezes estes cursos não trazem em seus currículos qualquer disciplina voltado ao conteúdo da formação didático-pedagógica.

Visando atacar de frente este problema, a Universidade Federal da Bahia vem empreendendo esforços, ressaltando-se a criação de um programa de formação continuada para docentes universitários (FORPED), empreendido pela Pró-reitoria de Graduação (PROGRAD) em parceria com a Pró-reitoria de Desenvolvimento de Pessoas (PRODEP). Esta iniciativa traz, em seu bojo, desde o ano de 2016, a ação dos ateliês didáticos - objeto de nosso trabalho enquanto formadoras e campo de pesquisa de nossa própria práxis pedagógica. Esta ação se justifica pela constatação de que um número significativo de professores da UFBA não teve a devida formação pedagógica para assunção da docência no ensino superior. Tal lacuna se agrava significativamente quando aliada à ideologia economicista que gera um produtivismo extremo, precarização das condições de trabalho e desvalorização da docência em detrimento ao estímulo à pesquisa. Por tais razões, o ateliê didático possui o propósito de fomentar o estudo acerca da docência no ensino superior, seu objeto e saberes didático-pedagógicos, bem como a ressignificação da identidade profissional e profissionalidade do professor universitário, com ênfase nas relações fundamentais e nos estruturantes do processo ensino e de aprendizagem.

Pretendemos, pois, com a presente pesquisa, nos imiscuir nesta problemática da formação pedagógica do docente universitário a partir das seguintes questões: como a didática sensível, utilizada como abordagem nos ateliês didáticos, tem repercutido na formação dos professores partícipes deste projeto? Que mudanças paradigmáticas tem sido empreendidas no processo formativo? Estas questões nos impulsionam para o campo empírico em busca de possíveis respostas que apontem para novas possibilidades de formação e encaminhamento do próprio ateliê didático. Nosso objetivo central visa compreender as reverberações da didática do sensível nas práticas dos professores, mediante seus relatos em diários de bordo e planos de ensino. Buscamos, ainda, perscrutar as possíveis mudanças paradigmáticas empreendidas pelos professores em suas práxis, a partir de uma concepção que alia sensibilidade e cognição.

Este trabalho resulta de uma pesquisa formação de abordagem qualitativa. A pesquisa formação se insere no campo da pesquisa-ação, por promover mais que a produção de dados, mas a reciprocidade formativa conferida tanto para os participantes como para os pesquisadores engajados no processo. Apesar de estar na fase inicial diagnóstica, a ação, na presente pesquisa, vem a ser a formação presente nos ateliês e o retorno ainda está por vir e pode ser reverberado na atuação em sala de aula, no planejamento, na avaliação, enfim, nas práticas pedagógicas dos professores a partir das aprendizagens que respondem como formação. Nossa abordagem metodológica se inscreve num paradigma interpretativista,

utilizando-se como referência a noção de representações sociais, a fim de poder explorar o aspecto subjetivo que reside na realidade objetiva (Jodelet, 2001). As representações sociais revelam uma maneira de interpretar e de pensar nossa realidade quotidiana, constituindo-se numa forma de conhecimento social. O relato escrito apresenta várias vantagens, dentre as quais podemos destacar a retomada das histórias vividas continuamente, perscrutar com maior acuidade as representações dos sujeitos, suas crenças e influências sobre a escolha profissional.

O contexto da pesquisa em desenvolvimento constitui-se das turmas de professores inscritos nos ateliês didáticos a partir do ano de 2016 a 2017. Apresentaremos neste artigo os resultados advindos da primeira fase da pesquisa exploratória, trazendo à tona relatos dos diários de bordo dos professores e seus planos de ensino. São participantes desta pesquisa, uma media de 120 professores que participaram dos ateliês didáticos nos anos de 2016 e 2017, e selecionados como amostra típica 20 professores de campos disciplinares diversos: Nutrição, Enfermagem, Saúde coletiva, Medicina, Comunicação, Ciências Exatas, Gênero, Secretariado Executivo, Ciências da Informação.

Caracterizando brevemente o Ateliê didático

A opção pelo termo atelier⁵ (palavra de origem francesa), que dá nome ao curso, já traduz a concepção que orienta as atividades propostas. Um ateliê é um espaço no qual as pessoas podem criar e experimentar, manipulando os diversos recursos disponíveis e produzindo suas próprias representações sobre o mundo e as coisas. Um espaço de criação, na sua acepção primeira, local onde, primeiramente marceneiros e depois artesãos desenvolviam suas criações. Um lugar de persistência e de disciplina para fazer e refazer, para desconstruir e reconstruir, para ir e voltar.

O Ateliê Didático se configura portanto em espaço de interação, no qual colegas de diferentes áreas de conhecimento se encontram para produzir um conhecimento em torno de

⁵ Do francês *atelier* se originou a palavra ateliê na língua portuguesa. Provém da palavra "*astele*": "estilha" ou "lascas", que por sua vez se originou do latim *hastella*, que quer dizer "vareta" ou "vara fina". Atualmente, o ateliê é o local onde trabalham os artesãos, artistas e demais profissionais que criam coisas a partir da criatividade". Dicionário etimológico. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/atelie/>. Acesso em: 27/06/2018.

algo comum, ou seja, sobre a docência. Para tanto, a escuta sensível e o espaço de partilha são aspectos fundamentais da proposta.

Esta abordagem ancora-se na didática do sensível, proposta por D'Ávila (2016), na qual a sensibilidade assume um lugar tão importante quanto a intelectualidade. O reconhecimento da dimensão sensível pressupõe uma visão mais holística sobre a própria formação, em detrimento de uma racionalidade instrumentalizadora que desconsidera os sujeitos envolvidos.

A primeira edição do Ateliê Didático foi realizada em junho de 2016, no formato de curso de 40 horas, sendo 30h presenciais e 10h à distância. Inicialmente foram disponibilizadas 30 vagas, mas em poucas horas as inscrições se esgotaram e havia sido formada uma lista de espera com mais 15 professores. Este fato evidenciou a demanda existente na universidade para a reflexão a que se propõe o Ateliê Didático. Desde então, já foram realizadas cinco edições em Salvador e uma em Vitória da Conquista, no campus avançado da UFBA. Cada turma foi composta em média por 30 professores, o que totaliza até o momento cerca de 210 professores. Nas últimas edições foi feito um ajuste na carga horária, que passou para 40 presenciais e 20 na modalidade à distância.

Inicialmente a proposta era oferecer o curso apenas para os professores recém-chegados na universidade e cogitou-se institucionalizar o Ateliê Didático como uma exigência do estágio probatório. Entretanto, optou-se na primeira edição em não restringir as inscrições a um determinado grupo e assim foi feito em todas as edições. Essa estratégia revelou que a decisão, e não a imposição, se constitui em fator determinante para o envolvimento dos professores com a proposta do curso. As atividades não presenciais são realizadas ao longo de todo o curso através da plataforma Moodle, onde são disponibilizados textos, slides e links de vídeos. A plataforma também se constitui como mais um espaço de interação, principalmente quando se faz uso de chats e fóruns para que sejam debatidos determinados conteúdos. No bojo do ateliê, os participantes são desafiados a produzirem um diário de formação no qual podem registrar impressões sobre as discussões realizadas e suas reverberações no trabalho com os estudantes. Além deste, utilizamos outro dispositivo avaliativo/ formativo que constitui a ressignificação dos planos de ensino dos professores.

O modelo formativo assumido pela equipe de profissionais responsáveis dos Ateliês Didáticos, mantém coerência com aquilo que se espera que os participantes aprendam, sendo ele mesmo objeto de reflexão sobre a docência universitária. Dessa forma, a realização dos

Ateliês didáticos tem impactado sobremaneira não somente na formação dos professores que neles se inscrevem, mas na própria equipe responsável por tal formação.

A didática do sensível: uma abordagem ludoestética na educação superior

A didática do sensível emana da necessidade de reequilíbrio ante a disjunção entre mente, corpo e espírito que a modernidade teimou em empreender. A ciência moderna caracterizada pela observação e experimentação através de instrumental técnico (microscópios, telescópios) significou uma revolução face à compreensão mágica dos fenômenos naturais e sociais, em voga no medievo por força do poder político que impunha a Igreja nos países ocidentais. Não obstante, a hipertrofia da razão, com o racionalismo cartesiano (XVII) e a compreensão matemática dos fenômenos humanos, obscureceram um aspecto fundamental da existência humana: a compreensão sensível e intuitiva do real, com o rechaço absoluto de qualquer explicação mítica, religiosa ou de senso comum. Com o advento do positivismo do século XIX - XX a cristalização da ciência moderna, disciplinar e hiperespecializada se consolidou apoiada na crença de que toda a verdade encontrava sua explicação na ciência.

Do momento histórico enunciado até a contemporaneidade este paradigma de ciência engessou muito as práticas de ensino, principalmente na formação profissional em nível universitário. O modelo pedagógico academicista é signatário de tal paradigma, colocando sobre o professor o emblema de proprietário do conhecimento acumulado transmissível às novas gerações.

Aliado a isso e do modo anacrônico, a contemporaneidade surge a partir da emergência de uma sociedade pós-industrial, nas décadas de 1960 e 1970, no século XX, caracterizado por uma intrincada dinâmica entre os fenômenos sociais. A partir da revolução tecnológica a sociedade se reconfigura de modo determinante nos colocando diante de um novo paradigma: o paradigma tecnológico. Segundo Castels (cf. Coelho, G.B., 2017, p. 3) "Esse paradigma, diante do amplo desenvolvimento da inovação tecnológica, com o advento das "tecnologias da informação" (TI), passa a se organizar em torno do processamento, da comunicação e da informação, fazendo surgir, então, um novo modelo de sociedade: a sociedade do conhecimento". E isso mexe com toda a estrutura de saberes e de relacionamentos sociais fazendo emergir uma outra cultura - a cultura digital e o apelo à comunicação visual tão em voga no presente momento histórico.

Esta reordenação social traz no seu bojo, a constituição de outra configuração dos grupamentos sociais, intitulados por Michel Maffesoli (2000) de tribos urbanas. Grupos que vêm existindo, interagindo e se comunicando de um outro modo, rompendo quase definitivamente com as relações societais que tínhamos há menos de 50 anos atrás. De alguma maneira isso traz à tona a necessidade de compreensão dos fenômenos sociais não mais sob o prisma determinístico da ciência positivista, mas através de uma perspectiva mais complexa e globalizadora. O paradigma da complexidade de Edgar Morin (1990) e a compreensão de pós-modernidade de Maffesoli (2000) trazem uma interpretação diversa da nova era e com ela a necessidade de repensarmos a educação em todos os seus níveis.

Diante de um cenário com tantas mudanças e demandas sociais emergentes, a escola e as Universidades jamais se manteriam incólumes. Embora o discurso e as práticas de ensino teimem em reproduzir o modelo de educação medieval, academicista, acentuando-se o poder do magister, os alunos clamam por outra comunicação, e por uma sala de aula mais interativa e que faça jus as emergências que o cotidiano neste novo século aponta, principalmente diante do grande volume de informações a que a sociedade tem acesso. A nova sociedade do conhecimento, vale dizer, da informação, reflete, por assim dizer, um novo enciclopedismo e toda espécie de informação se encontra disponível a um só clique na palma da mão. As relações se modificam, as compreensões sobre o real também.

Novos paradigmas educacionais erigem. A educação do sensível (Duarte Jr, 2004) surge apoiada no raciovitalismo de Michel Maffesoli (2005). Para o autor, tudo que é da ordem da paixão deverá servir como motor para a compreensão dos fenômenos societais, pelo que é inevitável se conceber uma outra epistemologia, não mais centralizada sobre a razão abstrata, mas sobre uma razão sensível. Nesse contexto, a didática do sensível emerge a partir dos estudos de D'Ávila, (2016, 2018) e se constitui como abordagem de ensino capaz de catapultar docentes e discentes de uma atitude de anestesia sensitiva e cognitiva para o papel de protagonistas criativos.

Com a didática sensível opera-se com uma lógica que rompe com o paradigma racionalista-instrumental para concatenar uma ação que parte do sentir-pensar (Morais & Torres, 2004). As etapas desta didática podem ser descritas da seguinte maneira, não necessariamente orquestrados nesta ordem: sentir, contemplar/metaforizar, imaginar, criar.

A primeira fase do trabalho didático sensível - o sentir - se refere às atividades que possibilitem ao sujeito sentir o conhecimento e apreendê-lo pelas vias sensoriais ou pela

apreensão sutil mediada: vendo, tocando, escutando, intuindo, se emocionando. Importa compreendermos que os sentidos são mediadores ou canais de estímulos para a interpretação racional e podem funcionar como poderoso estímulo para o desejo de aprender. Assim os estímulos multissensoriais podem provocar uma revolução na sala de aula no sentido positivo de abrir canais para o aprender significativo, para o desenvolvimento de habilidades cognitivas. "Os estímulos para além da via sensorial, podem ser também abstratos e simbólicos. Assim, as problematizações ocupam lugar importante nas aulas, assim como outros organizadores prévios que incluam as propriedades do conhecimento a ser mediado". (D'Ávila, 2018)

A etapa da contemplação traz no seu bojo a metaforização, a qual o professor deve recorrer na didática do sensível e se refere à produção de situações criativas (lúdicas, artísticas) que envolvam os alunos. São exemplos de metáforas criativas: o jogo, a dramatização, o filme, as imagens, a poesia, a música, o movimento ou a dança, como representações do mundo em nosso entorno e, portanto, do conhecimento produzido. As linguagens artísticas constituem um elo fundamental e propiciam a observação e conexão com processos reflexivos que produzem transformações nos modos de pensar e ver a realidade. Assim, o a mobilização da aprendizagem a partir das metáforas criativas "anima o grupo e o conduz a um imbricamento profundo, orgânico com o conteúdo, com a aula enquanto fenômeno integrado." As metáforas criativas, ludoestéticas, são essenciais na Didática do sensível e conduzem à capacidade de imaginar e não somente assimilar conhecimentos. (D'Ávila, 2018, p. 81)

O momento propício à imaginação, que inaugura a terceira fase da didática sensível, depende da capacidade de contemplar - instigada simultaneamente no processo de ensino e aprendizagem. Esse movimento da fruição à imaginação, à ressignificação de conceitos e à sua recriação – o momento de pôr em prática os conhecimentos como exercício de autoria - caracterizam esta fase do trabalho. A imaginação emerge como aspecto inelutável no processo de aprender/ensinar/aprender, possibilitando as conexões entre conteúdo mediado e experiências dos alunos.

Finalmente a criação é o corolário de todo o processo. Esta etapa visa estimular e novas compreensões, ressignificações do conhecimento e criação autoral: um conceito, uma teoria, um processo ou um produto. A criatividade, por assim dizer, não é prerrogativa exclusiva do campo das artes. A criatividade é uma capacidade cognitiva humana fundamental, é uma faculdade mental, sensível, e deve estar presente nos processos de aprendizagem em qualquer

campo do saber. Manifesta-se no ato didático pedagógico como construções autônomas, plenas de autoria.

Nesse interjogo entre o ensino e a aprendizagem, entre a ação do professor e do aluno há muito mais possibilidades didáticas do que se pode imaginar e que vão além e, de certo modo, rompem com o paradigma conteudista transmissional. Com isto não pretendemos "jogar fora a água do banho com a criança dentro". O modelo conteudista transmissional, traz consigo o método expositivo que pode ser trabalhado de modo dialógico. Assim, as tradicionais aulas expositivas abrem espaço para as exposições participativas, nas quais os alunos interagem e são sujeitos e mediadores do conhecimento também, numa perspectiva de mediação compartilhada.

Nos ateliês temos levado adiante uma atitude pedagógica que congrega linguagem artística e saberes experienciados e ressignificados na ação. E temos nos colocado, enquanto formadoras de docentes, como parceiras no processo de ressignificação de saberes, mediante metodologias de ensino criativas. Desse modo, usamos como principais dispositivos da formação no processo dos ateliês, os diários de bordo e a reconstrução dos planos de ensino dos docentes. Nos diários de bordo, os cursistas descrevem suas aprendizagens durante o processo da formação. É um trabalho de metacognição em que os cursistas pensam sobre o que e como aprenderam. No trabalho com a ressignificação dos planos de ensino, os professores cursistas levam para a classe seus planos que são trocados entre os colegas e estes procedem às análises dos mesmos. São oferecidos textos e aulas expositivas dialógicas - além das dinâmicas criativas - que possibilitam ao grupo ressignificar seus planos. A posteriori, são postados no ambiente Moodle (ambiente virtual de aprendizagem) e as formadoras, procedem, por sua vez, às correções necessárias e os professores ressignificam-nos. Na terceira etapa do trabalho, com a devolutiva e feedback, os cursistas têm, mais uma vez, a oportunidade de refazerem seus planos de ensino, discutindo-os nos fóruns (uma ferramenta assíncrona de comunicação entre os pares) criados no ambiente Moodle para este fim.

São estes os dispositivos que levaremos em conta nas primeiras análises sobre as reverberações da didática sensível na formação dos professores que são partícipes do Ateliê didático.

As reverberações da didática do sensível na formação dos docentes - análise das representações dos professores e discussão dos resultados

A partir da análise de conteúdo (Bardin, 2010) por nós empreendida nos jornais diários dos professores e planos de ensino, pudemos chegar aos seguintes eixos analíticos, pelos quais analisaremos as mudanças em suas representações sobre as práxis pedagógicas: a) reverberações da abordagem didática sensível nos diários de bordo; b) reverberações da abordagem didática sensível nos planos de ensino.

O que nos dizem os diários de bordo? Identificamos nas falas dos docentes, características de mudanças paradigmáticas, tendo na didática do sensível sua força motriz. Abaixo falas dos professores que participaram da primeira turma do atelier didático em 2016.

A primeira fala, de L., docente do curso de Nutrição, traduz sua impressão inicial sobre o ateliê; faz-se interessante depreender como ela já revê uma postura e vê o ateliê como o espaço em que a sensibilização para as possíveis transformações pedagógicas podem germinar. Observe-se a forma como a professora L. se reporta ao trabalho com a metáfora criativa das mandalas - uma atividade sempre coroada de êxito no ateliê didático. Assim como K. que em sua fala traz um depoimento marcando a descoberta da importância da intuição no desenvolvimento dos alunos, reiterando pois, a perspectiva do sensível e sua importância nesta construção, também Son e MS se reportam de forma muito positiva face ao trabalho com as metáforas criativas que empreendemos:

Acabou a folga de ser estudante do curso, ficando a responsabilidade com o que vivenciamos! Agora não ignoramos mais a nossa parcela de responsabilidade técnica e humana no planejamento e gestão da nossa atividade docente. [...] Não é que o Ateliê vá "salvar" todo mundo, mas, aos que se permitirem, serão sensibilizados para uma transformação! (L. Nutrição, 2016)

Hoje aprendemos um pouco mais sobre mandala, seus significados e uma aplicação didática! Construir a mandala com o propósito de representar os pressupostos e crenças pedagógicas que temos foi um interessante exercício. Ao mesmo tempo que revimos nossos conceitos, tivemos a oportunidade de expressá-los artisticamente. A partir das nossas afinidades, habilidades, resistências e prazeres com o manuseio de diversos objetos fomos nos envolvendo na construção das mandalas individuais. A apresentação das mesmas, ao final do turno, foi muito legal, pois pudemos perceber melhor o que cada um queria expressar, oportunizando o compartilhamento de percepções diferentes sobre o ensino e o processo ensino-aprendizagem. [...] Estar na posição de aprendente é ótimo! Não defendo ou estou presa a nenhum pensamento, linha ou corrente de forma integral/ única, ainda que os conceitos mais contemporâneos e integram o

saber, o sentir e o ser; a sensibilidade, a razão e uma prática coerentes sejam a minha busca. (L. Nutrição, 2016)

Houve uma retomada muito interessante sobre as discussões das mandalas, onde me peguei recordando dos depoimentos que mais me impactaram. me identifiquei muito com a amorosidade expressa na mandala de uma colega da medicina veterinária que trouxe elementos figurados da natureza constituindo sua trajetória e centrada no seu objeto de estudo com suínos, denotando amor ao que faz e cuidado com o animal foco de sua atenção. Me lembrei também do pragmatismo de alguns colegas, que instintivamente me despertou interesse pela lógica de seu raciocínio, mas me chocou por certa falta de emoção sob minha ótica. engraçado como quando estamos em grupo buscamos afinidades e identidades de conceitos pré-formatados e concepções... Olha aí o convite ao desarmamento e reconstrução? Foi muito rico ouvir sua experiência de ensino despida de preconceitos arraigados. E vamos esvaziando a xícara para encher com novidades. [...]. Enumerei minhas percepções colocando-me como alguém que possui uma visão HUMANISTA, CRÍTICO REFLEXIVA QUE DESEMBOCA NUMA VISÃO HOLÍSTICA. Mantenho princípios éticos e solidários como pilares nessa construção e crenças de liberdade e respeito às singularidades, sem perder de vista a justiça com equidade para todos. (K. Medicina, 2017)

Outro aspecto relevante é o que se refere ao termo "ateliê". Ele remete à arte, à construção da beleza, à possibilidade de uma atividade feita com prazer. Exemplos concretos foram a rede tecida na apresentação da/os participantes; a dramatização de situações vivenciadas pela/os professora/es, que envolveu trabalho coletivo e a reflexão crítica sobre nosso cotidiano; e a elaboração de mandalas que artisticamente expressaram nossa visão sobre o processo de aprendizagem. [...] (Prof. Son, Ciências sociais - Gênero, 2017)

Houve um esclarecimento sobre a diferença de práticas pedagógicas e didáticas que ajudou a entender a minha identidade profissional. Com o exercício da mandala, refleti sobre as minhas concepções teóricas e valores, que são refletidas nas metodologias e de como eu vejo o aluno e suas potencialidades. Acredito que ainda tenho muito a melhorar, mas estou no caminho. Embora seja conteudista, apresento atividades lúdicas, tentando equilibrar entre o individual e equipe. Na avaliação do docente (que realizo no fim do semestre), sempre são considerados os elementos apontados pelos alunos, que são motivadores. (MS, 2017)

Sobre mudanças nas concepções pedagógicas pudemos perscrutar como alguns professores passaram a se posicionar. Na segunda e terceira turmas do ateliê didático em 2017 percebemos esta ressignificação:

No segundo dia de atividades no Ateliê Didático, fomos convidados e compreender mais sobre o raciovitalismo do prof. Maffesoli, subsidiada pela teoria da razão sensível, lendo os textos indicados e acompanhando a preleção e a linha de pesquisa-ação da Profa. Cristina D'Ávila, trazendo concepções acerca dos modelos pedagógicos vigentes e emergentes, destacando sua proposição chamada de Construcionista (abordagens crítico construtivas) - aprendizado significativo (apreensão inteligente e sensível do conhecimento) levado à prática (POIÉSIS). Muitos conceitos já eram conhecidos em parte e me marcou mais a valorização do processo intuitivo como bagagem prévia e experienciada do aprendiz, que se mescla à razão lógica cientificista e a extrapola, quando ao contextualizar gera reflexão e convida à retornar à realidade. (K., Medicina. Grifos da professora)

Claramente nesta fala a Prof^a May se reporta às mudanças empreendidas em suas práticas pedagógicas, esclarecendo que o trabalho nosso a ajudou a entender melhor sua identidade profissional, fazendo-a refletir sobre suas concepções teóricas, valores que se refletem em suas metodologias:

A aula começou com a observação e reflexão sobre alguns quadros de Monet e Dali. Os diferentes comentários que surgiram sobre as imagens nos mostraram como as percepções são distintas, variam de pessoa para pessoa, metáfora que podemos utilizar para o ato de aprender. A apresentação caminhou então para as diferentes inteligências - considerando inteligência a capacidade de resolver problemas, projetar a própria vida e ser criativo. Inteligência lógico-matemática, linguística, musical, viso-espacial, corporal-sinestésica, naturalista, podendo ser intra ou interpessoal. A questão central dessa aula foi, para mim, pensar em como podemos, entendendo que cada estudante aprende de um jeito e que existem diversas formas de inteligência, mobilizar essas habilidades para estimular o aprendizado. [...] Também observamos como ensino e aprendizagem partem ambos do desejo e são esferas em permanente diálogo. Foi-nos pedido para escrever um esquema sobre nossos pressupostos pedagógicos e como organizamos as situações de aprendizagem. (May, 2017)

A Prof^a Fla, da 3^a turma do Ateliê, explicita em sua fala uma mudança paradigmática importante, criticando o modelo transmissional de ensino e enaltecendo o aspecto sensível e lúdico:

Entender a complexidade do significado "ensinar" e "aprender" é essencial para o docente. A transmissibilidade do ensino não condiz com as diretrizes

do ensino superior, uma vez que o ensino abrange diferentes aspectos visando atingir de forma sensível e crítica o aluno, que ao aprender dado conceito é capaz de transforma-lo e contextualiza-lo na realidade da sociedade. A atividade lúdica desenvolvida na sala de aula me tocou profundamente, uma vez que percebi que minhas angústias e obstáculos enfrentados em sala de aula são semelhantes aos vivenciados por outros professores. Destaco mais uma vez que a proposta do Ateliê Didático é significativo na formação do docente. [...]. Quero agradecer imensamente pela oportunidade aos professores que se mobilizaram e se sensibilizaram na construção de um diálogo pautado em uma temática extremamente importante para a Instituição. (Fla, 2017)

Son e Ise, chamam a atenção para o trabalho de ressignificação dos planos de ensino, como sendo momento áureo do atelier. Com esta atividade de ressignificação dos planos de ensino, nós quebramos muitos tabus e o velho paradigma formalista de planejamento que o compreende como mera formalidade:

Mas o centro do Ateliê foi a reformulação dos planos de ensino, dentro de novos paradigmas pedagógicos, e utilizando metodologias ativas didáticas. Destacou-se a dimensão sensível, do desejo, reflexiva e crítica de instrumentos como o diário de formação. Lembrou-se que as práticas pedagógicas referenciam-se em contextos maiores, e saberes formais e informais, enquanto a didática, incluída na pedagogia, é carregada de intencionalidade, e envolve ensino e aprendizagem. [...]'.O café da manhã, a brincadeira surpresa, contribuíram para que o Ateliê encerrasse em clima de confraternização e sonho de intercâmbio com a/os colegas, consolidação do aprendizado através de novas práticas pedagógicas. (Son, 2017)

Esse foi um dos dias mais instigantes e motivadores da revisão de minha prática e da forma como estabeleço meu planejamento. Com a atividade de revisão do plano e diante de uma colega de curso pedagoga que propiciou uma série de questionamentos, percebi o quanto acabo ficando dispersa diante das competências a serem trabalhadas em sala, enquanto deveria estabelecer um foco em um objetivo central, um pilar norteador de minha didática. (Ise, 2017)

Momentos de feedback, de adesão integral ao atelier foram percebidos no encontro final pela Prof. FR. Estes dados nos revelam adesão e nos impulsionam para adiante com o propósito de sempre caminharmos na direção do desejo de mudança:

[...]Último dia, dia de muita emoção. Não segurei o choro! No meu dia a dia multi, inter disciplinar com tantas demandas, preocupações de gestão, tive coragem de abrir essa janela na minha agenda, dizer alguns NÃO e fazer algo para mim e por mim. Com resultado extremamente positivo que vai melhorar a minha relação com alunos, colegas e com as pessoas que trabalham comigo.Tocou-me profundamente pois foi algo que sempre busquei e nunca estive tão próxima de uma solução possível para essa minha demanda. Sei que já não terei tantos anos de UFBA pela frente pois

já cumpri 37 anos mas nada como deixar marcas e não passar na vida das pessoas de qualquer jeito rsss. Quero contribuir de verdade, dar o melhor de mim para tantos que permanecerão. Obrigada a vcs que me proporcionaram esse momento de aprendizagem, troca e reflexão! (FR, Comunicação, 2017)

Estes são alguns exemplares de como os ateliês didáticos, pela abordagem do sensível, tem reverberado em suas representações sobre suas próprias práxis pedagógicas. Além dos diários, nos planos de ensino, nestas turmas 2016, 2017, pudemos também compreender as nuances das transformações que eclodiram no processo do curso.

Vale ressaltar que os planos de ensino, como resultados do planejamento construtivo e crítico, se configuram como importantes instrumentos da prática, essenciais para seu desenvolvimento e avaliação. Dessa forma, as aprendizagens decorrentes do curso foram reveladas através das reverberações ludossensíveis presentes nos planos de ensino que se configuraram como sendo mais que um elemento da organização didática, mas também como componente que contém marcas do vivido, do experimentado, do aprendido, do sensível. Estes se apresentam na perspectiva dos objetivos de aprendizagem como aqueles que representam o ensino, pois planejar o ensino é planejar a aprendizagem. Então quando uma cursista ressalta num componente de “Saúde Coletiva” para o curso de Enfermagem, por exemplo, que os estudantes devem “caracterizar o campo da Saúde Coletiva; discutir a inserção e a atuação da enfermeira neste campo; e, identificar os problemas e as potencialidades da inserção da enfermeira no campo da Saúde Coletiva”, está ressaltando que o plano delinea as intencionalidades da prática, os objetivos da aprendizagem. Com isso, percebemos que essas reverberações são originadas da reflexão sobre a formação, da necessidade de mudança, na perspectiva de uma abordagem crítica e criativa.

Nessa mesma sintonia, referindo-se ao mesmo plano de ensino, a forma de mediação didática também é elemento de reflexão. A professora-cursista aponta que como opção metodológica realizará “resgate de experiências sobre o campo da saúde coletiva: dinâmica do varal; debate entre os grupos sobre o que é saúde coletiva e saúde pública, de acordo com a perspectiva apresentada na dinâmica do varal; leitura dos textos 1 e 2 em grupo, troca de perguntas entre os grupos; discussão coletiva estimulando o debate sobre o tema”. Com isso, vimos a valorização de uma metodologia criativa (brainstorming com acréscimo do “varal” com as escritas dos alunos) de abordagem coletiva e existencial, cuja dinâmica é mais relacional, que proporciona possibilidades formativas captadas na prática.

A formação dos professores universitários se empreende na emissão de um novo modo de planejar, oriundo de um novo modo de aprender, este que não se separa do modo de ensinar, mas que completa e se conflui com ele/nele. Um planejar que não se limita a ação burocratizada, mas que intenciona em ser instrumento de reflexão e crítica, ligada a decisão, execução e avaliação. Um planejar que é possibilidade/capacidade de fazer diferente e criativo. Desse modo, outros planos de ensino se mostraram tão participes de uma dimensão ludo-sensível quanto o que foi apresentado.

Um dos planos se referem ao componente curricular “Desenvolvimento do Projeto de Decoração Ambiental” em que propõe na primeira aula o ensaio da memória para o semestre com o uso do diário de bordo: “deve conter: tudo que você já fez nesta disciplina, relatar com clareza e objetividade, indique o seu papel no grupo e individualmente, como pretende atuar semestre, qualquer outro comentário que você ache importante”. E perpassa pelo componente, o uso de PBL: “pensar em usar PBL para discussão de ética/projetos/limites de atuação, entrega de projeto final de D.I.”, concluindo com a proposta de “trazer novamente as expectativas do início do semestre e discutir os resultados alcançados”.

É perceptível que em todo o plano de ensino há reflexos de uma metodologia ativa e/ou participativa, utilizando abordagens que valorizam a experiência, o cotidiano, a problematização, como modos de concretizar práticas pedagógicas que avancem para práxis, como teoria-prática e ação reflexiva, em que, conforme Franco (2015) a intencionalidade rege os processos. Neste interim, planos de ensino oriundos de uma visão de planejamentos como instrumento político de transformação “promove a reflexão sobre a prática, por este princípio, promove a práxis” (D’Ávila, 2018, p. 54).

A metodologia ativa foi ênfase do plano de ensino de “Nutrição Materno Infantil”, componente curricular planejado a partir de quatro módulos, cujos focos do módulo III deu-se no PBL e do módulo IV no estudo de caso. Estas são metodologias ativas que se centram no aluno, na aprendizagem e colaboram para despertar a compreensão e criação no processo de aprendizagem. Assim, o PBL aparece no plano tanto como componente do conteúdo de ensino como da metodologia. Enfatiza-se também a apresentação de casos em aulas participativas. Entendemos que além de ativa estas metodologias são também colaborativas e reflexivas, pois não se fazem sem problematização.

Assim, as formas de mediação didática são apresentadas nos planos de ensino, como sendo partilhadas, de natureza teórico-práticas, individual-coletivas, e, além de tudo isso,

criativas, pois se configuram na dimensão ludoestética que se reelabora na práxis, e retorna aos participantes como aprendizagem perspectivada por uma pedagogia raciovitalista. A didática do sensível, que transcorre nesta abordagem na educação superior, mais que uma possibilidade, é única por apreender no processo de ensinar-aprender as metodologias ativas, participativas e criativas, envolvendo professores e alunos em atividades inovadoras de cunho colaborativo e que realizem a convergência entre intelectualidade e sensibilidade nesse ambiente educacional.

Considerações finais

As reverberações da didática do sensível nas práticas dos professores universitários, identificadas nos diários de bordo e nos planos de ensino, demonstraram grande receptividade à abordagem ludoestética da Didática sensível adotada nas metodologias e discussões realizadas ao longo do Ateliê Didático. As reflexões elucidadas revelaram que os professores se permitiram sentir, contemplar, imaginar e criar alternativas para transformar a sua própria prática profissional. Isto foi possível porque o Ateliê Didático não se limita a discutir apenas técnicas e estratégias de ensino, mas suscita, em uma abordagem ludoestética, a reflexão sobre a própria profissionalidade da docência no ensino superior.

No relato de alguns professores ficou evidente que a própria compreensão de “ser professor” e não apenas um especialista em determinada área do conhecimento, emergiu ao longo das discussões. Pode-se concluir, portanto, que o Ateliê Didático tem contribuído sobremaneira para o entendimento acerca do ato de ensinar como uma tarefa complexa, na qual o professor profissional toma decisões que não são apenas técnicas, mas também epistemológicas e políticas. Vale destacar também que a coerência entre o que se diz e o que se faz nos encontros presenciais do Ateliê Didático revelam que a didática do sensível não se configura apenas como uma narrativa esvaziada de sentido e de premissas teóricas, mas um modo de conceber o ato de ensinar.

Neste contexto, os professores têm a possibilidade de perceber que sua tarefa como docentes universitários não se restringe à instrução qualificada dos conteúdos previstos na ementa do seu curso, mas inscreve-se num projeto político mais amplo que consiste na formação de sujeitos mais comprometidos com o mundo. Essa decisão política pressupõe a compreensão de que não é possível formar alguém apenas com um discurso retórico, mas é preciso repensar as práticas pedagógicas e as concepções subjacentes.

O Ateliê Didático não consegue e nem pretende esgotar todas as discussões, mas compromete-se em apresentar os saberes pedagógicos e didáticos considerados imprescindíveis para se repensar a docência universitária. A expectativa é que a partir desta apresentação, os participantes, na condição de professores universitários, possam seguir sua trajetória docente com as ressignificações que julgar necessárias.

Referências

- Bardin, L. (2010). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA.
- Brasil (1996). *L.D.B- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei 9394 de 20/12/96*. Brasília: Ministério da Educação.
- Coelho, G. (2017). Ciência, Sociedade e Complexidade: da disciplinarização do conhecimento à emergência de Programas de Pós-Graduação Interdisciplinares no Brasil. In: *RBPG*, Brasília, 14. Disponível em: <http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/1455>. Acesso em: 27/06/2018.
- Cunha, M. I. (1998). *O professor universitário na transição de paradigmas*. Araraquara: JM Editora.
- D'Ávila, C. (2016). Razão e sensibilidade na docência universitária. *Em Aberto*, 29(97), 103 -118.
- D'Ávila, C. & Leal, L. (2015). A docência universitária e formação de professores - saberes pedagógicos e constituição da profissionalidade docente. *Revista Linhas Críticas*, 21(45), 467-485.
- D'Ávila, C. & Leal, L. (2018). *Didática do sensível: Uma inspiração raciovitalista*. Tese para Professor Titular. Salvador, Bahia, Universidade federal da Bahia.
- D'Ávila, C. & Leal, L. (2018a). Planejamento do processo de ensino e aprendizagem: uma abordagem crítico-constructiva. In: D'Ávila, Cristina; Madeira, Ana Verena (orgs.). *Ateliê didático: uma abordagem criativa na formação continuada de docentes universitários*(pp.9-31). Salvador: EDUFBA.
- Duarte Jr., J.F. (2004). *O sentido dos sentidos. A educação do sensível*. 3ª edição. Curitiba, PR: Criar edições.
- Franco, M. A. S. (2015). Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. *Educação e Pesquisa*, 41(3), 601-614.
- Jodelet, D. (Org.) (2001). *As representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Maffesoli, M. (2000). *Le temps des tribus. Le déclin de l'individualisme dans les sociétés postmodernes*. 3^{ème} édition. Paris : Ed. La Table Ronde.
- Maffesoli, M. (2005). *Éloge de la raison sensible*. Paris: Editora La Table Ronde.
- Moraes, M.C. & Torre, S. (2004). *Sentipensar - Fundamentos e Estratégias para Reencantar a Educação*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Morin, E. (1990). *Introduction à la pensée complexe*. Paris, ESF éditeur.

Pimenta, S. G. & Anastasiou, L.G. C. (2002). *Docência no Ensino Superior*. São Paulo: Cortez.

Veiga, I. P. A. et al. (2012). Pós-graduação: espaço de formação pedagógica de docentes para a educação superior. In: D'Ávila, C. & Veiga, I. P. A. (org). *Didática e docência na educação superior. Implicações para a formação de professores*. Campinas, SP: Ed. Papyrus.

www.estreialogos.com



© Todos os direitos reservados
ESTREIADIÁLOGOS 2018

ISSN 2183-8402